

Agora deu-me para isso

Apanhar a onda

José António Cabral Vieira, docente da UAc há 35 anos, é Professor Catedrático da Faculdade de Economia e Gestão

Há muitos anos eu olhava para o surf como um desporto algo misterioso, mas pouco atraente. Mal sabia eu que, passados alguns anos, estaria a iniciar-me e, numa fase posterior, a viciar-me em tal prática desportiva. Sim a viciar-me porque um fim de semana sem algumas horas de ondas é um fim de semana amputado de algo fundamental e insubstituível. É um fim de semana menos curativo quando comparado com seus congéneres repletos de ondas, independentemente de serem “grandes” ou “pequenas”, “direitas” ou “tortas”. No início tudo parece difícil e muito faseado. “Apanhar a onda”, “dropar a onda” e “estar

na onda” são expressões comuns entre os praticantes e por isso temos de as aprender de forma quase sequencial. Mas acreditem que a fase mais importante antecede todas estas, pois para que tudo isto aconteça é preciso, em primeiro lugar, “entrar na onda”. Mas atenção, isso não basta. Para que tudo corra bem, é preciso escolher uma “boa onda”. Caso contrário, espera-nos uma queda e o correspondente desânimo. “Apanhar uma boa onda” impõe sempre alguma paciência, muita observação e, por vezes, a rejeição de muitas ondas. No surf uma “má onda” deve ser sempre rejeitada ou “passar ao lado”. Afinal surfar não é algo muito diferente do que fazemos, ou tentamos fazer, no nosso dia a dia. Por isso, surfar é viver (embora viver seja, naturalmente, mais do que surfar). Todos nós tentamo-nos orientar na escolha de boas ondas. Contudo, muitas vezes, perdemos algumas pelo facto de nos encasualarmos, nomeadamente através



“O surf molda-me e ajuda-me a viver e a ser melhor”, partilha o Professor Cabral Vieira.

da nossa fixação e maior convívio com gerações próximas da nossa. Nada disso existe no surf, onde o convívio e a alegria de “entrar”, “apanhar” e “dropar” ondas ultrapassa e barreira geracional. Interessante: nas ondas são muitos os que me conhecem, mas poucos sabem o meu nome. No surf sou “o professor”, o que ali parece ser nada

mais do que uma simples alcunha na medida em que, também ali, parecemos todos iguais. Por vezes ouço gritar, por vezes ao longe e de forma inesperada, independentemente da idade, numa entreejada muito comum entre os praticantes, onde o sucesso de uns eleva o ânimo e o ego dos outros: “vá professor”, “cuidado professor”, “boa profes-

sor”, “para a direita professor”, entre muitas outras expressões. Caro leitor, acredite que vale a pena entrar numa boa onda e eu desta, ou destas, mesmo sendo um aprendiz, não prescindo. O surf molda-me e ajuda-me a viver e a ser melhor.

CABRAL VIEIRA
(DOCENTE DA UAC)

Alguns dados sobre mobilidade internacional da FCSH

O alívio da pandemia covid-19 tem facilitado a retoma da mobilidade internacional, embora a guerra na Ucrânia constitua provavelmente um novo fator de contenção. No ano letivo 2021/22, registam-se na FCSH 45 mobilidades de estudantes *Erasmus incoming* e 28 *outgoing*. Para 2022/23, registam-se 24 candidaturas *incoming* e 21 *outgoing*. No contexto *incoming*, além das candidaturas *Erasmus* – num total de 22 –, foram recebidas duas candidaturas *Free Mover*, submetidas por estudantes da Universidade de Oxford. Quanto à mobilidade de docentes, este ano a Doutora Sofia Major, do Departamento de Psicologia, cumpriu uma semana de trabalho na Universidade Niccolò Cusano, em Roma. Por outro lado, visitaram-nos catorze docentes de universidades parceiras, quer em

missões de ensino, quer em missões de formação, sendo treze enquadradas no programa *Erasmus* e uma enquadrada no programa de mobilidade internacional da Suíça.

FRANCISCO SOUSA
(COORDENADOR DE MOBILIDADE NA FCSH)



“O alívio da pandemia covid-19 tem facilitado a retoma da mobilidade.”

Alumni

Faz de conta que não foi há 30 anos

Custa-me pensar que fará 30 anos este ano que entrei na UAc num curso que todos os anos era dos mais gozados nos desfiles académicos. Gritos dos outros cursos: “História para o desemprego! História para o desemprego!” eram afogados na alegria de desfilar pela cidade, trajados de azul, a nossa cor do curso, sem pensarmos muito no futuro. Na altura, a preocupação ainda eram as frequências e os exames, dispensados com a nota mínima de 12 valores. Eu sei, parece um mito urbano, mas apenas a partir de 11,5 valores se respirava de alívio. Isto sim, pior que a ameaça de um desemprego à saída da universidade. Foram 4 anos de muita partilha e conhecimento entre alunos e professores. No fim da licenciatura senti necessidade de continuar, pensava seguir uma carreira universitária e consegui entrar em mestrado para mais 4 anos de es-

tudo e investigação. A UAc era já uma segunda casa, uma família alargada com um quadro de docentes extraordinários, pessoas generosas na sua partilha de conhecimento, que entre chamadas de atenção algo dolorosas teciam, igualmente, elogios, menos frequentes, confessemos. No mestrado tive oportunidade de crescer, de conhecer pessoas que ainda hoje admiro e prezo a amizade que se criou. Quase de imediato voltei para mais 2 anos de especialização em Ciências da Informação e Documentação, uma área que é, atualmente, a minha profissão. Não sou hoje uma professora universitária como em tempos aspirei, mas sou muito realizada e feliz na profissão que exerceo. Fui formada numa academia tão pequena e nova quando comparada com tantas outras nacionais, mas tão rica e importante neste nosso arquipélago. Hoje tem cursos que nos anos 90 eram



Cláudia Santos é licenciada em História pela UAc, onde se especializou em Ciências da Informação e Documentação.

sonhos impossíveis, tem uma oferta diversificada e muito mais completa com estruturas físicas que nos fariam pular de felicidade, como a Biblioteca. Sim, sempre faz 30 este ano que pisei pela primeira vez o campus universitário e apesar de já não ter a teoria de Marc Bloch na ponta da língua, devo a esta universidade grande parte do meu conhecimento.

CLÁUDIA SANTOS
(ANTIGA ALUNA DA UAC)

Agora... a Sra. Reitora

“Isto requer trabalho em rede à escala global e local e parcerias estratégicas com agentes científicos, sociais, culturais e económicos”

Trabalhar em rede para participar na complexa missão de tornar o mundo melhor, apesar dos constrangimentos inerentes à nossa condição insular, tripolar e ultraperiférica: este é o desafio da UAc para a nova reitora, Susana Mira Leal, Professora Associada da FCSH-UAc, doutorada em Educação. Num contexto em que apenas 7% das empresas na Europa são lideradas por mulheres e em que a igualdade de género integra os objetivos de desenvolvimento sustentável, não podemos deixar de notar que a VII Reitora da UAc, que tomou posse há um mês, é também a primeira mulher a desempenhar este cargo.



ANDRÉ MENDONÇA

Susana Mira Leal é a sétima reitora da UAc e a primeira mulher a assumir este cargo.

É a nova Reitora da UAc, mas também é docente da FCSH-UAc...

Como reitora, olho transversalmente para a instituição, independentemente da minha faculdade de origem ou área de formação. Acompanho a evolução de cada faculdade, escola e UI&D, e procurarei sempre apoiar cada uma na definição e implementação da respetiva estratégia de desenvolvimento no contexto da UAc. No caso da FCSH, após um contínuo decréscimo no número de estudantes entre 2014/15 e 2017/18, regista-se um aumento de 23,4% desde 2018/19. Havendo razões várias para essa evolução, não é de descartar que as ciências sociais e humanas voltaram a estar na ordem dia.

Por que razão?

O atual discurso político e económico coloca a tónica na exploração, conservação e gestão dos recursos naturais, com crescente foco nos marinheiros, na exploração do Espaço para a recolha de dados que permitam uma ação mais sustentável sobre o planeta, na transição energética e nas economias azul e verde, questões do âmbito das ciências da terra e da

vida, das tecnologias e das engenharias. Contudo, os resultados a alcançar dependem em larga medida de mudanças no comportamento humano, de profissionais comprometidos com a coletividade, de uma ordem social que valorize o indivíduo para além do bem económico, que favoreça o acesso a serviços e desloque a centralidade do capital para a ética da vida humana. Esse é o papel das ciências sociais e humanas.

Hoje, as universidades adaptam-se progressivamente à lógica do mercado. Esta tendência é compaginável com a ideia da universidade como lugar de pensamento crítico?

As universidades são ecossistemas de produção e disseminação de conhecimento. O seu papel social, cultural e económico é indiscutível e os seus objetivos e ação têm de resultar da simbiose entre uma análise permanente da realidade e uma intencionalidade interventiva, através da ciência e da formação. É nossa responsabilidade contribuir para um mundo melhor e mais sustentável, e isso passa, como alerta a ONU, pela promoção da paz, da segurança, do respeito pelos di-

reitos e liberdades fundamentais, pela diversidade cultural; pela eliminação da pobreza; por mudanças na produção e no consumo, pela proteção dos recursos naturais. Esta complexa e exigente missão pressupõe e requer liberdade e pensamento crítico e constitui ela própria uma ação de cidadania.

E como é que as universidades podem favorecer essa missão?

Esta missão não se concretiza apenas no espaço académico. Requer cada vez mais trabalho em rede, à escala global e local, e o estabelecimento de parcerias estratégicas com os diversos agentes científicos, sociais, culturais e económicos. Não se pode, contudo, confundir isto com a mercantilização e instrumentalização das universidades, sob pena de as espoliar do seu maior valor acrescentado.

É a sétima reitora da UAc, mas é também a primeira mulher a assumir este cargo...

Sou a primeira reitora da UAc e uma das poucas no país e na Europa, é certo. Pode daqui retirar-se implicações políticas, sociais e culturais e um incentivo para

que outras e mais mulheres acreditem nas suas capacidades e trabalhem para assumir posições de liderança e relevo em prol da comunidade. Não me candidatei por ser mulher, mas, naturalmente, a minha ação e liderança refletirão quem sou, os meus valores e princípios, a minha história.

Uma ideia recorrente quando falamos da UAc é a fragilidade estrutural que advém do contexto arquipelágico e autónomo...

A natureza insular, tripolar e ultraperiférica combinada da UAc é única no contexto das instituições de ensino superior nacionais. Acresce ter tutela nacional, mas estar sediada numa região autónoma. Embora conhecidas, tais singularidades não têm tido o justo tratamento. A UAc está empenhada em prosseguir um rumo de desenvolvimento, mas sem disponibilidade financeira será mais difícil promover projetos estratégicos.

MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

As tatuagens

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PRÍ DA FCSH)


 Ande na moda, com o *Agora* à flor da pele!!

Depois de levar uma vacina, a mulher mais velha do país, já enrugada mas ainda ágil de pernas e mente, decidiu voltar a estudar. Havia já algum tempo que se interessava pela evolução das espécies. Gostava de imaginar como seriam os trisnetos que nunca conheceria. Possuía em casa uma enciclopédia paga a prestações para ocupar umas prateleiras no móvel da TV. Ao ler Darwin, retivera a ideia de que são apenas preservadas as variações individuais que se revelam úteis à sobrevivência do grupo, num processo interminável de seleção natural. Achara a informação desconcertante. A fazer fé no que dizia o verbete, não só a pelagem que cobriu o corpo dos nossos antepassados desaparecera ao longo do tempo, como provavelmente alguns aspetos da aparência atual, dispensáveis à vida, como

unhas e cabelo, viriam a tornar-se tão obsoletos quanto os pelos e as orelhas pontiagudas dos primeiros hominídeos. Estupefacta por tamanha revelação, a mulher mais velha do país matriculou-se num curso de Biologia. Esperava vir a conhecer o futuro das espécies, mas para seu desgosto a bibliografia recomendada só falava do passado. A seu lado, os jovens colegas ostentavam tatuagens nas pernas, nos braços, no pescoço, na omoplata. A mulher mais velha do planeta sabia que aquilo não era uma doença de pele, mas desconfiava de que também não seria coisa muito saudável. Ocorreu-lhe, então, que aquele fosse o futuro. Perguntou onde podia comprar uma e anotou o endereço. Dirigiu-se ao estabelecimento num sábado de manhã. Achou a loja pequena e o empregado si-

nistro, mas a idade inspirava-a a correr riscos. Tossicou e pediu uma tatuagem de pastel de nata, se faz favor. “Com canela”, acrescentou. O rapaz olhou-a demoradamente, muito sério. Elencou os perigos: reação alérgica, infeção, interações com cremes e bijuteria, cancro, sem falar do arrependimento pós-tattoo. A mulher mais velha do país conhecia tudo, menos o arrependimento pós-tattoo, mas achou que estava imunizada contra tuttoo arrependimento e insistiu. O rapaz disse que já não havia. Naquele sábado a mulher apercebeu-se de que devia estar muito velha mesmo, para nem sequer ter um simples desenho do futuro. “Malditos jovens”, pensou, “comem tudo e não deixam nada”.

 LEONOR SAMPAIO DA SILVA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora Veja

Luz, câmara, ação

Foto de José Maria Sousa

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



Agora é hora

Lançamento de livro: *(a)riscar-se na filosofia, (a)colhendo infâncias: encontros com Gabriela Castro*

No passado dia 17 de junho foi apresentada a obra *(a)riscar-se na filosofia, (a)colhendo infâncias: encontros com Gabriela Castro*, primeiro volume de estudos sobre filosofia e infância editado no âmbito do Mestrado em Filosofia para Crianças, da FCSH.

O livro conta com textos de mais de 30 personalidades de referência na área da filosofia da infância, provenientes de Portugal, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina e Brasil, que têm colaborado com o Mestrado (quer enquanto docentes, colaboradores ou conferencistas). Conta ainda com contributos de alguns estudantes do curso.

Sendo a Filosofia para/com Crianças uma área académica e de investigação consideravelmente recente, as publicações desta especialidade são ainda maioritariamente em língua inglesa. Por este motivo, o volume *(a)riscar-se na filosofia, (a)colhendo infâncias: encontros com Gabriela Castro* tem como objetivo colocar à disposição de especialistas, docentes e estudantes instrumentos de trabalho em língua portuguesa.

A Filosofia para/com Crianças chegou à Universidade dos Açores no longínquo ano de 2006, pela mão da Doutora Gabriela

Castro, professora no então Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais. Primeiro através da organização de eventos académicos, de cursos de curta duração e de um projeto de investigação financiado pelo Governo dos Açores, depois por meio de uma Pós-Graduação e, desde 2016, através do Mestrado em Filosofia para Crianças, a ação de Gabriela Castro tem sido fundamental para que a nossa Universidade afirme, no panorama nacional e internacional, uma atividade estruturada neste domínio. A sessão de lançamento do livro decorreu na Escola Secundária Armando Côrtes-Rodrigues, em Vila Franca do Campo, e contou com a presença da Homenageada. Na ocasião vários foram os presentes que deram o seu testemunho sobre a relevância do trabalho de Gabriela Castro, entre colegas, amigos, atuais e antigos estudantes da Prof.^a Doutora Gabriela Castro.

A obra é organizada por Magda Costa Carvalho e Paula Vieira e tem a chancela das Letras Lavadas. Está disponível no site da Editora em formato físico e também digital, em <https://www.lettraslavadas.pt/>

 MAGDA CARVALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



O livro conta com textos de mais de 30 personalidades de referência na área da filosofia da infância.

Ficha Técnica

Adolfo Fialho, Ana Cristina Gil, André Mendonça, Carla Medeiros, Cláudia Santos, Francisco Sousa, José António Cabral Vieira, José Maria Sousa, Leonor Sampaio da Silva, Magda Carvalho, Maria da Luz Correia e Sofia Major.